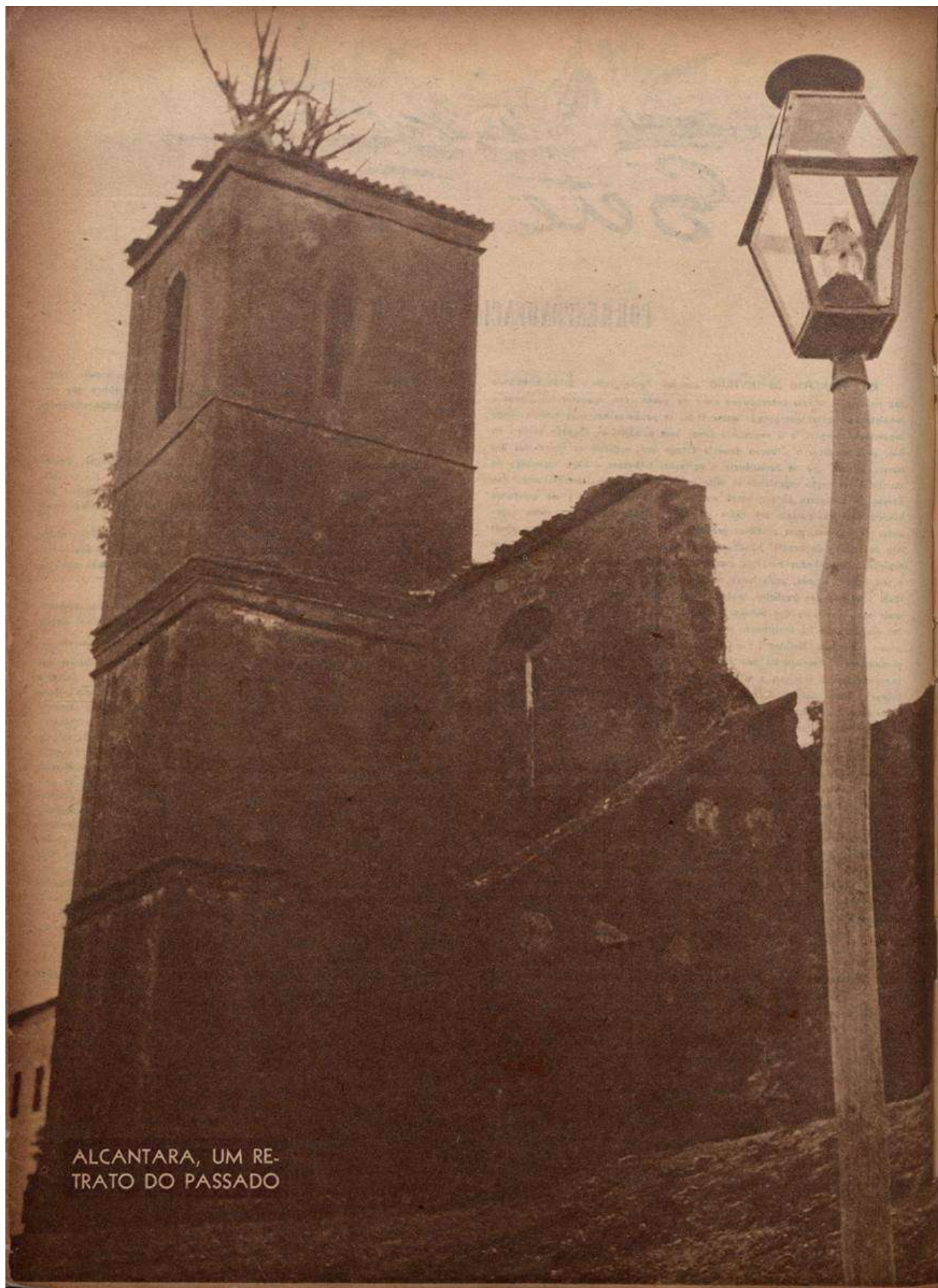




ALCANTARA, UM RE-
TRATO DO PASSADO



O Major Brigido de Macedo, da Guarda Nacional, representa um símbolo da cidade morta. Ex-prefeito, ex-vereador, ex-tudo, ele é hoje apenas um rico.

A CIDADE MORTA

Fotos de JOSE' MEDEIROS - Texto de JOSE' LEAL



PADRE LADISLAU PAPP, que veio da Hungria para Alcântara, tornando-se o seu cronista mais leal.

17 de Abril de 1948

ALCÂNTARA é a cidade morta do Maranhão. Berço de uma civilização independente, de curiosas histórias e ilustres figuras do passado, a plácida cidade que ora agoniza, vivendo dias tranquilos de um ocaso por vários motivos justificáveis, vai ser transformada pelos poderes federais em um monumento da história brasileira. Para isso, todas as providências foram tomadas pelo Governador Sebastião Archer, em comum acordo com os representantes maranhenses no Senado e na Câmara. Um funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional lá esteve, balançando o que resta do passado na pequena e longínqua Alcântara, do outro lado da baía de São Luís. E O CRUZEIRO, com esta reportagem de José Medeiros e José Leal, alia-se à campanha que visa fazer da cidade morta uma reliquia histórica, mostrando ao Brasil os fragmentos de uma época que também se foi, arrastada pela voragem dos tempos. Tudo que aqui está pertence à ex-capital do Maranhão, que em breve passará a figurar no nosso mapa como uma estátua daquilo que os nossos avós construíram com tanto arrojo e com tanto carinho.

Ao governador maranhense, que cercou os autores desta reportagem das mais gentis atenções, proporcionando-lhes ao mesmo tempo todas as facilidades para a realização deste trabalho, os mais sinceros agradecimentos de O CRUZEIRO.



SEBASTIÃO ARCHER — Governador do Maranhão, procura salvar a riqueza histórica do seu Estado.

O CRUZEIRO

A CIDADE MORTA (Continuação)

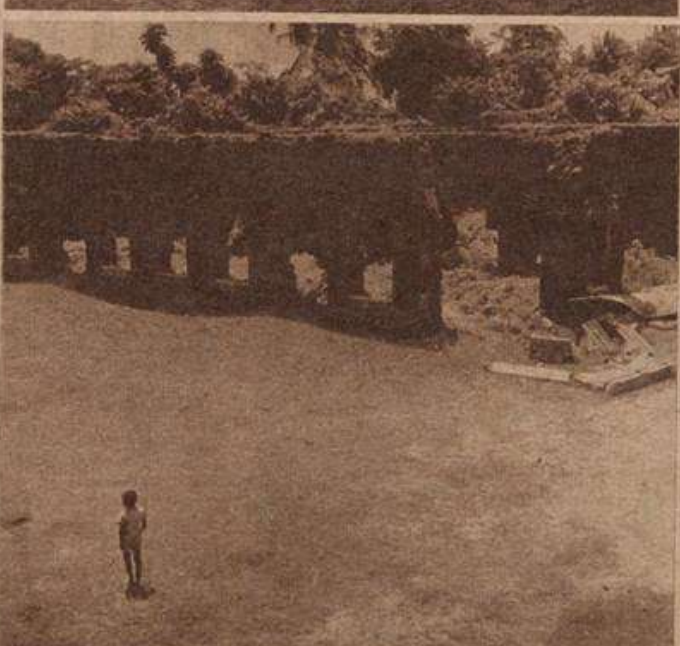
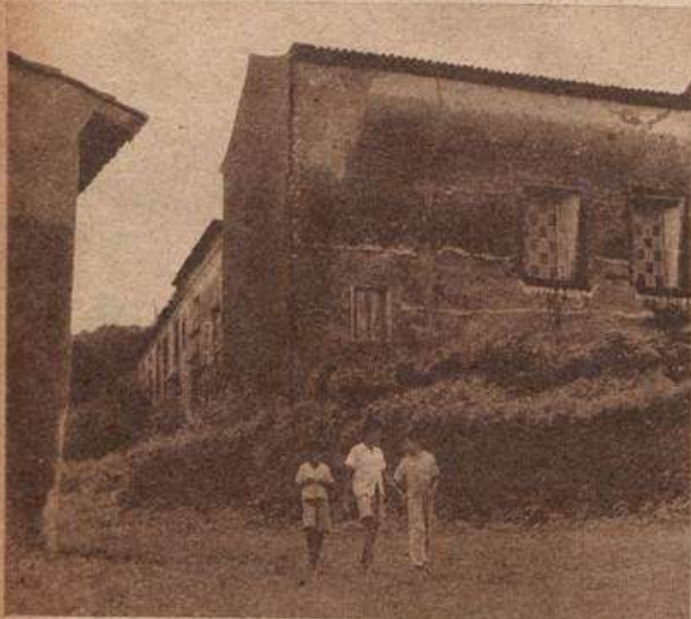


PEDRO SANTANA DE MACEDO — O prefeito da cidade que morreu.

TRIPULADO por quatro veteranos do mar, o "Estima", velho barco pintado de verde, deslizou como uma pluma por sobre as águas ralvas da costa maranhense, numa ensolarada tarde de fevereiro. Eramos cinco passageiros: Medeiros fotografando galvotas esporádicas, dois repórteres dos "associados" locais, um ciclorone acidental e este vosso servidor. Estávamos nos distanciando da poética Baía de São Luís e entrávamos pelo oceano a dentro, para encontrar, após duas horas de uma viagem nervosamente sacudida pela violência das ondas, uma cidade morta: Alcantara, antigamente chamada Tapultapera, que está colocada no pequeno golfo de São Marcos, a 60 pés acima do nível marítimo, na latitude meridional de 2°23' e 33" e na longitude de 46°43' e 22", com um improvisado porto entre a Ponta de Lage e a de Jitaira. Perguntáreis por que fizemos daquele plácido recanto motivo para uma reportagem. E apressa-me em explicar que inúmeras são as razões: Alcantara tem uma história especial: viveu dias resplandescentes; foi a capital do Estado e a residência das mais nobres figuras de então; teve um comércio dinâmico e uma população de 30 mil habitantes, bulhosa e aristocrática, escravizando pretos e dando ao lugar todas as características de uma civilização independente. Na ex-Tapultapera nasceram e viveram vultos importantes,

barões e ministros, doutores requintados e glamorosas condessas. Alcantara representa para o Maranhão o seu patrimônio mais rico, e porque ela é, atualmente, um simples montão de ruínas, vivendo do passado; e porque o Governo Federal, atendendo à esperança dos maranhenses, vai transformá-la em uma relíquia-monumento da história provinciana, aventuramo-nos a enfrentar as revoltas do Atlântico metidos no frágil "Estima", inseguro e apertado, navegando com suas velas brancas ao sabor dos ventos.

Interessante: Alcantara teve três denominações caprichosas: a primeira foi "Aldeia dos Americanos"; a segunda, "Tapultapera", e a terceira "Capital da Capitania de Cuman", cujo primitivo donatário foi o desembargador Antônio Coelho de Carvalho. Um dia o Imperador D. Pedro II deu sua real palavra que visitaria a metrópole maranhense, e as autoridades ergueram febrilmente um prédio resistente e rico para hospedar o respeitável monarca. Mas D. Pedro não cumpriu a promessa, e o povo, numa elegante demonstração de cavalheirismo e fidalguia, prestou-lhe uma simpática homenagem, dando o nome de "Alcantara" à Tapultapera. A data de sua fundação até os próprios estudiosos da terra ignoram. Mas sabe-se, com escassa referência, que a Igreja de São Matias, em 1650, já existia com seus altares mul-



Por essas ruas em ruínas passaram barões e ministros, doutores requintados e glamorosas condessas. Alcantara é um pedaço da nossa própria história.



MÃE CALU: 100 ANOS
BEM VIVIDOS



Para defender a vila e D. José I, de Portugal, foi construído o Forte de São Sebastião, por ordem do Governador Gonçalo Pereira, no ano de 1763.

O CRUZEIRO

— 12 —



Major Brigido — O HOMEM

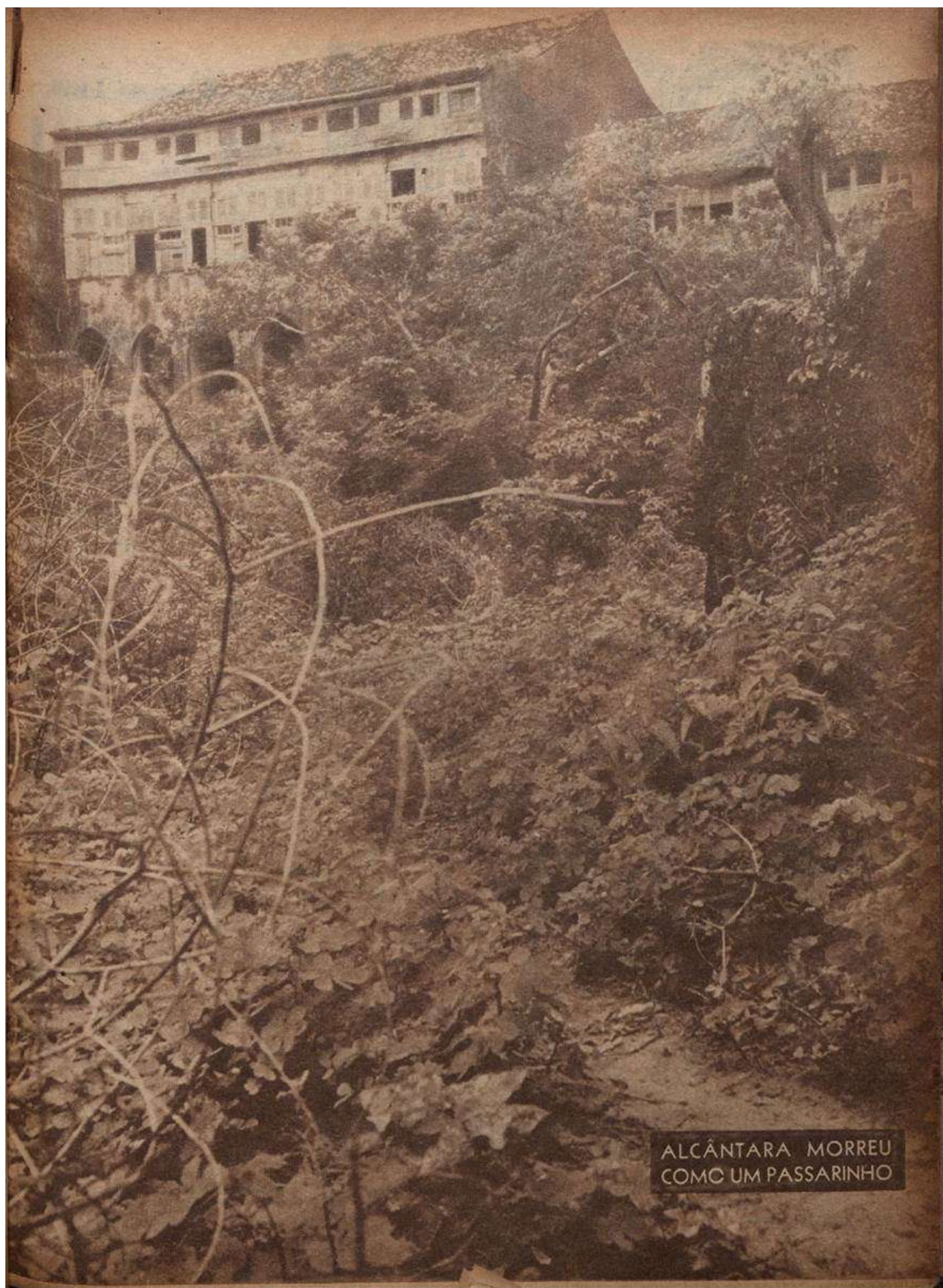


Chiquinho — O MACACO



Plácida — A MULHER

17 de Abril de 1948



ALCÂNTARA MORREU
COMO UM PASSARINHO

A CIDADE MORTA (Continuação)



O VELHO "PASSINHO"



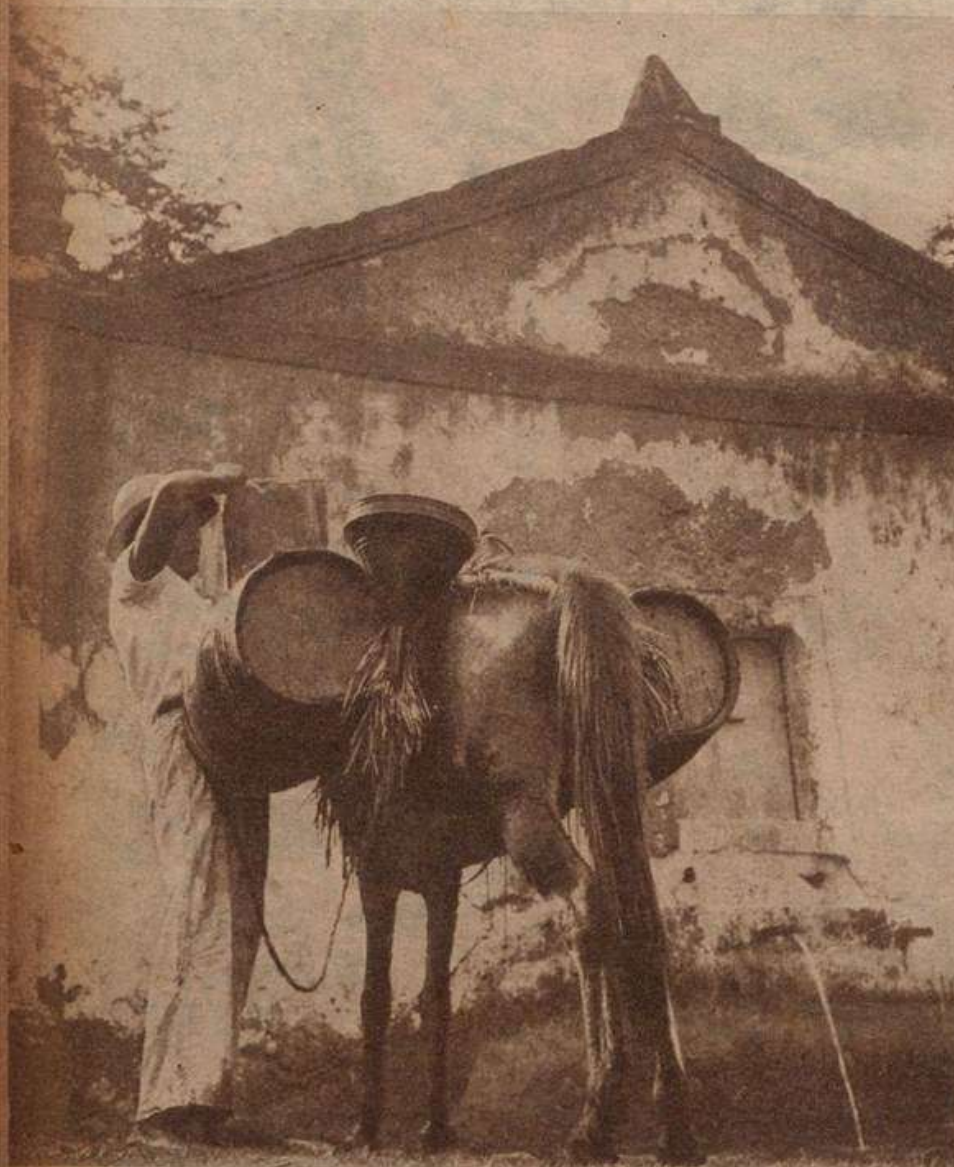
O PÚLPITO DA VELHA IGREJA



O PELOURINHO ABANDONADO

ti-coloridos, onde oravam centenas de fiéis. Em dezembro de 1648 era uma vila progressista, concentrando a intensidade de uma vida socialmente alegre, onde o dinheiro era gasto a rodos. Em 1685 tinha 12 mil habitantes, e em 1820 o número cresceu para 25 mil. Alcântara tem cinco igrejas: as de Santa Quitéria, São Francisco, N. S. do Rosário, Matriz e Destêrro. Entretanto somente duas estão em condições de serem abertas aos religiosos. Em suas ruas principais existem unicamente os restos mortais de enormes casarões abandonados, outrora vivendas dos milionários: são sobradões antigos, de paredes espessas, que somente a força destruidora do tempo poderia extinguir. Resistiram porém alguns, que hoje são vendidos por preços espantosamente baixos, ou oferecidos gratuitamente a quem quiser neles morar. São casas geralmente de dois andares, com "mirantes", azulejos, que, em Alcântara, não valem mais de 4 mil cruzeiros. A imponente matriz da cidade está reduzida a dois muros de baixa altitude, cercados de um capinzal sadio, onde comem os cavalos, os porcos, as ovelhas e as vacas de gente privilegiada. Inexplicavelmente, os "pelourinhos" estão quase que perfeitamente conservados, e se hoje fossem necessários poderiam ser utilizados com positivos resultados. Para quem não é maranhense, talvez nada do que tem em Alcântara constitua motivo de atração ou interesse, mas o fato é que ali estão pedaços da própria história brasileira, cada muro com sua legenda, cada rua com sua canção. E as ruas, queremos salientar, são ainda cantadas e ca-

(CONTINUA NA PÁG. 16)



A Fonte da Mirititiú é um olho d'água perene, onde os que sofrem do fígado e dos rins buscam alívio nas suas propriedades radioativas.

O CRUZEIRO

— 14 —

*M*ANHA SUA ALTEZA REAL, O PRINCEPE REGENTE, pelo Secretário de Estado dos Negócios de Minas, comissário e Comarca da Vila de Alcântara, para sua inteligência, se exemplares facsimilares dos autos do Juízo de 1.ª de segunda, que regulam a nova forma de Juízo d'Alcântara, Barão de Alcântara, e Tapa Nacional d'Alcântara de Brás. E, mais, para sua ciência, que os autos do Juízo de 1.ª de segunda, que regulam a nova forma de Juízo d'Alcântara, Barão de Alcântara, e Tapa Nacional d'Alcântara de Brás, e, mais, para sua ciência, que os autos do Juízo de 1.ª de segunda, que regulam a nova forma de Juízo d'Alcântara, Barão de Alcântara, e Tapa Nacional d'Alcântara de Brás.

José Bonifácio de Andrada e Silva

Um documento assinado e enviado por José Bonifácio à Câmara da Vila de Alcântara.

17 de Abril de 1948



RETORNO AO MUNDO
POETICO DA INFÂNCIA

VOCE também usará KOLYNOS diz Joan Bennett

famosa estrela da
Diana Productions
que aparece em "The
Secret Beyond The
Door" Universal-In-
ternational Release



Kolynos tem sabor delicioso
Dá a estrela, e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais... e refresca



Basta um cm. na escova seca

Agrada mais... Limpa mais... Rende mais...

O CRUZEIRO

A cidade morta

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 14)

rinhosamente olhadas pelos homens e mulheres que ali vivem. Todos querem contar um episódio, e foi assim que ficaram sabendo algo sobre a Rua da Amargura. Por ela passava a procissão do Senhor dos Passos, acompanhada pelos cavalheiros e apreciada pelas damas que se postavam às janelas, envergando suas toilettes mais finas. Os nobres residiam nos seus sobrados, e uma preta velha centenária dis que os pobres cantavam qualquer coisa assim:

"Vamos à Rua da Amargura"
A rua que Deus andou,
Aonde ele foi crucificado
Naquele grande andar".

O Barão de Pindaré vivia na Rua da Caravela, e seus pais na Rua do Sol. O donatário da Capitania tinha o seu "home" instalado na Rua das Mercês. "Para defender a vila e D. José I, de Portugal", foi construído o Forte de São Sebastião, pelo governador Gonçalo Pereira Lobato e Sousa, em 1763. Os canhões permanecem nos seus respectivos lugares, acabados pela ferrugem e confundidos pelo mato. Em 1831 foi levantado um farol, e o Convento das Mercês é um fragmento de pedras espalhadas circularmente. Quem recebeu o primeiro hábito foi Frei Cervete, lembrado com respeito pelo seu denodo, pela sua coragem, ambrunhando-se pelo interior a fim de levar aos índios "bocas" e "guaybas" as menagens da religião católica. Em certa ocasião foi atacado por essas tribos, e ferido gravemente na cabeça, ganhando ali o apelido de "Frei Caneca Rachada". Há outro convento: o de N. S. do Carmo, igualmente desamorado. Na Igreja de N. S. do Rosário o vigário José Joaquim de Almeida celebrou sua primeira missa, enquanto o bispo D. Manoel Joaquim da Silveira proibia a realização de qualquer cerimônia no templo de Santa Quitéria, por causa até agora desconhecidas. O cemitério foi inaugurado em 1610, e aliado ao Cal do antigo porto, à Capela de Santo Estêvão e ao edifício do Tesouro, forma o grupo das mais velhas construções de Alcântara. A cadeia é ocupada pelo prefeito, que tem ali o seu gabinete. O quartel que serviu às guarnições de defesa do território, desapareceu, mas a igreja dos escravos é algo que merece ser visto pelos turistas. Todos os monumentos coloniais estão se apagando, e lamentável é dizer-se — Alcântara recebe raros visitantes, apesar de oferecer aos olhos humanos os flagrantíssimos mais belos e sedutores. Está plantada na elevação máxima de uma terra firme, entre a costa e um rosário de ilhotas, igapós e canais, em redor da baía, dispoendo de um clima fresco, excelente para repouso, pela sua atraente beleza e pela sua monotonia deliciosa.

Alcântara tem particularidades que não se encontram em toda parte: suas praias são extensas e convidativas. Espero que não se magoem os nossos leitores de Natal e da Paraíba, mas estou certo de que as praias da cidade morta superam Riachão, Areia Preta, Ponta Negra e Tambau. A água que se bebe ali é privilegiada, e vem de fonte da Miririta, com suas propriedades rádio-ativas, que, de vez em quando, curam os mal-humorados doentes do fígado e rins da região.

Na reunião promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Luís, com a presença do governador Archer, em que o chefe do Executivo maranhense fez uma exposição de todos os planos para o reerguimento do patrimônio histórico do Estado, transformando Alcântara em cidade-reliquia, foram identificados dos motivos que roubaram à cidade sua vida, seus habitantes ilustres, e suas edificações. Alcântara poderá ter, no máximo, 800 habitantes, e, com vergonha, adiantamos a causa: a libertação dos escravos em 1888 por mais incrível que pareça. Os pretos, maltratados e submissos, eram os braços que davam impulso à agricultura, trabalhando de sol a sol, sob os rigores das chicotadas brancas, para enriquecer o bolso dos poderosos, com o produto de suas capacidades e de suas resistências que eram muitas vezes o resultado triste do medo dos patrões enraivecidos. Milhares de escravos deram fortunas aos senhores, — aos célebres coronéis da batanga grande e dos charutos longos que ali viveram, legando a filhos e netos, fortunas consideráveis e terrenos fabulosos, em verdade, hoje, desprezados. Entre as dinastias que predominaram e enriqueceram em Alcântara, às custas do museu negro, cabe mencionar a família Guimarães. Um dos seus membros, o Cel. Antônio da Silva Guimarães, proprietário de alguns milhares de hectares de terras no município, dono de quase todas as casas e possuidor de milhares de escravos — segundo informações honestas colhidas pelos que assinam estas notas — morreu em 1947, deixando uma irmã, Dona Procórcia da Silva Guimarães, com 86 anos de idade, e três filhos, — Marcial Ramalho Marques, Ana Guimarães Marques e Dona Procórcia da Silva. Depois da libe-

(CONTINUA NA PÁGINA 15)



Não haverá dias negativos em sua vida, se você recorrer a Eugynol, que regulariza a função do útero e dos ovários, acalma as dores, tonifica os tecidos, evita inflamações. Comece hoje mesmo seu tratamento com Eugynol.

EUGYNOL
— o regulador perfeito!



De Dia
e de Noite...



Água de Colonia 92°
oferece o frescor da eterna juventude.

Sentheric
Colonia 92°

48-51

17 de Abril de 1948



Sobre amor ele não dá um piu!

VOCE MUDOU RAULI
FALAVA TANTO
EM AMOR
E AGORA FICOU
MUDO?



ESTOU NUMA
SINUÇA, ESTER.
ESCUITE SE EU TIVESSE
MAU HALITO, VOCE
SERIA CAPAZ DE ME
MANDAR CONSULTAR
UM DENTISTA?

CLARO QUE
NÃO!
NÃO SE PODE
DIZER UMA COISA
DESSA! MAS...
RAULI SERÁ
INDIRETA SUA!



O CONSELHO DO DENTISTA:
"PARA COMBATER O MAU HALITO,
RECOMENDO CREME DENTAL
COLGATE! NA MAIORIA DOS
CASOS, COLGATE CORRIGE NUM
INSTANTE O HALITO
DESAGRADAVEL..."



O INGREDIENTE LIMPADOR DE
COLGATE É PENETRANTE E ATIVO
— REMOVE AS PARTICULAS DE
ALIMENTOS — PROTEGE O
ESMALTE E PERFUMA O HALITO."



DEPOIS GRACAS
A COLGATE:



Uso COLGATE
diariamente
para sorrir
Colgatemente



BOM FINAL
COLGATE FEZ
FELIZ O
CASALI



FEITA DE NYLON DA MELHOR QUALIDADE, DURA 3 VEZES MAIS.



A cidade morta

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 16)

tação dos escravos, privado dos seus criados e trabalhadores gratuitos, o Cel. Guimarães passou a viver de suas avultadas economias, e, morrendo, deixou para os seus descendentes os frutos daquilo que os seus servidores fizeram. Com a proclamação da República, em 1889, Alcântara deu os seus últimos suspiros. Havia a debandada do elemento preto, a retirada de seus últimos e ilustres habitantes, e, principalmente, a derrocada dos centros agrícolas. O casario ficou entregue às aranhas e à poeira, o tempo encarregou-se de destruir as edificações importantes, o mato cresceu e a cidade agonizou. Alcântara, naturalmente, desceu à categoria de simples povoado, perdido no meio do mar... embora os maranhenses continuem a chamá-la de cidade. Sobrou apenas no coração do povo um vestígio de saudade do esplendor de suas festas religiosas, e comenta-se respectuosamente a lenda dos costumes sociais e a supremacia política dos moradores da Tapuitapera. O povo que lá reside hoje herdou também o desânimo que a lei de 13 de maio trouxe aos senhores ricos. A terra poeirena não desalentou seus campos oferecendo magníficas possibilidades agrícolas e industriais, na pesca, na pecuária, se algum capitalista empreendedor resolvesse trabalhar. Alcântara morreu e quem por ela deveria trabalhar escolheu a formação de blocos políticos, em busca de cargos, satisfazendo ambições. Disso resultou o definitivo colapso e as verdes plantações de cana, os algodões e as fazendas de gado dos Gomes de Castro, dos Costa, Ferreira, dos Franco de Sá e de outras famílias latifundiárias, retrocederam à condição primitiva de matas sem fim, paraíso da caça variada e abundante. Que fazem os seus moradores? — Despendendo minúsculo esforço extraem babacu e alguma caba de canaúba. Há uma esperança de recuperação de tudo que se perdeu, representada nas suas salinas, que desaparecem lentamente à medida que os dias passam, porque os processos de exploração usados são os mesmos de há cem anos. Essa indústria, aparelhada de acordo com as exigências modernas, talvez viesse a trazer a ressurreição de Alcântara. Mas quem, neste momento, está disposto a realizar o milagre?

Examinemos agora a atualidade de Alcântara. Chegamos à tardinha, com fome e suor. Não há uma pensão ou mesmo um pequeno hotel onde um visitante possa ficar abrigado. Depende-se em geral da hospitalidade de um ou de outro, que, em mesmo caso foras o padre e o prefeito. Tudo em Alcântara é difícil: as frutas, o feijão, o pão, o café, enfim todos os gêneros alimentícios vêm da capital, para onde o transporte é raro; existem os barcos à vela, impulsionados pelos ventos, uma vez ou outra. Alcântara tem entretanto suas personalidades curiosas, e em primeiro lugar salientamos o Padre Ladislau Papp, designado para a paróquia local há um ano. Nasceu em Cyrila, na Hungria, chegando ao Brasil em 1938. Alcântara não tinha um ministro católico há quarenta anos, e o Padre Papp, moço, conversador e esforçado, tenta arrebanhar seguidores, conquistando as graças da população com um pouco de trabalho: remodelou a igreja, conseguiu uma estação amplificadora e um motor de energia elétrica. Por sinal naquela noite de fevereiro havia o encerramento de uma festa religiosa, e enquanto o Padre Papp pregava no púlpito, sem microfones, dois alto-falantes explodiam em frente à igreja os compassos de um samba cantado por Dick Farney... O povo de Alcântara não tem, em realidade, religião alguma, e o reverendo raspou diante o jantão, e em presença do prefeito, inflamou-se dizendo: "Estou me matando, fazendo tudo para que os alcantarenses creiam em Deus. Eles passaram 40 anos sem padre, e o resultado não poderia ser melhor". A renda da paróquia é de 3 mil cruzeiros anuais. Alcântara não tem um posto médico, nem uma farmácia. Recentemente houve um surto de impaludismo e os remédios para os doentes foram pedidos pelo padre e amigos gentis. As crianças crescem analfabetas e poucos homens e mulheres sabem ler. Há pessoas com trinta anos de idade que nunca passaram pela pia baptismal — é o padre quem afirma, declarando revoltado: "O número de casamentos aqui é pequenissimo e o de nascimentos também." O alcantarenses é, por indole, preguiçoso: pesca pra comer, fuma o seu cigarro denominado "pau roca", e... dorme feliz, sem dinheiro, sem conhecer uma carta de ABC mas dorme e acha que nada lhe falta. Ignora o que se passa no mundo exterior, porque os jornais ali são rarissimos, e não há sequer um exemplar da rádio-recepcão. O número de leprocos em Alcântara é acentuado, e estes doentes não se mantêm em isolamento nenhum, constituindo um perigo para as pessoas sãs, o que é de se estranhar, porque São Luís do Maranhão tem um leprosário ótimo, bem lo-

(CONTINUA NA PÁG. 26)

Nunca descuide de um corte!



USE A ATAOURA ADESIVA
BAND-AID
O PRONTO SOCORRO
PARA QUALQUER OCASIÃO.

Um simples corte pode
causar uma infecção:
nunca se descuide!

● Limpe o ferimento e aplique, a seguir, BAND-AID, atadura adesiva fabricada pela Johnson & Johnson do Brasil. Recomendada pelos médicos, a atadura adesiva BAND-AID contém tiro-tri-cina, poderoso agente antisséptico.

A atadura adesiva BAND-AID evita a sujeira, ajuda a prevenir infecções e irritações e é impermeável. Mais vale prevenir do que remediar... Tenha sempre em casa uma caixa de ataduras adesivas BAND-AID — o pronto socorro para qualquer ocasião.

Caixa de 5 - Cr. \$ 2,80
Caixa de 30 - Cr. \$ 10,00



PRODUTO DA
Johnson & Johnson



Peça e tente a prova... Cr\$ 4,00
Vidro grande (mod. econômico) Cr\$ 20,00

Inteligência e criação literária

GENOLINO AMADO

COMO a tarde vadia convidava a uma longa prosa distraída, fui buscar na estante o meu velho Gilbert Chesterton, o melhor de todos os companheiros para essas ocasiões.

Devo-lhe muitas das horas mais gostosas do meu espírito. Quase sempre divergentes. Várias vezes tenho de lhe cortar a palavra, tão clara e surpreendente, no mais saboroso inglês que já se escreveu, para lhe dizer com toda a franqueza que não aceito as suas opiniões políticas e religiosas. Mas, como é uma delícia a conversa, pela graça do pensamento e pelo imprevisto das anotações, deixo que Chesterton fale horas inteiras, sentindo que é melhor não concordar com ele do que estar de acordo com outros sujeitos sem a sua vibração intelectual.

Destas vez, porém, encontrei-o triste, quase desanimado. E' que, por acaso, me pus a reler aquela página tocante da "Autobiografia" em que confessa a sua incapacidade para compor obras de ficção em que pulse a vida na sua força e no seu sangue. Torçura a inteligência chestertoniana transparece nas múltiplas e curiosas explicações que apresenta para essa falha. E, no entanto, a explicação mais simples e mais verdadeira não foi apresentada. Ela estava no próprio fato de Chesterton ser um homem inteligentíssimo, porém só intelectual.

Ora, a inteligência comenta, analisa, compreende a vida, mas não sabe criá-la. E' que a vida não tem mesmo nada de inteligente. E no seu prodigioso absurdo, na sua grotesca mas inspiradora tolema, não cabe nas construções lógicas dos espíritos enamorados da razão e presos ao hábito intelectual de dar sentido a tudo que lhes passa diante dos olhos ou se representa na imaginação.

Se grandes e profundas verdades da vida já se condensaram em obras de fantasia, não foi a inteligência que as arrancou da realidade do mundo e as fixou em dramas, em romances, em poemas. O dramaturgo, o romancista, o poeta, encontraram essas verdades em horas de inspiração e não em dias de pensamento. Vieram à sua cabeça e passaram para o papel quando a inteligência estava longe e alheada das coisas. São criações desse instinto descobridor que conduz o artista a antecipar-se ao sábio. São iluminações repentinas, intuições mágicas. Nasceram de instantes de identificação da alma solitária com a multidão dos fenômenos da existência e da humanidade. Cabe à inteligência ordenar, dirigir, converter em harmoniosa forma, esses impulsos de criação. Mas o certo é que não tem o dom de substituí-los.

Se Shakespeare tivesse sido apenas um homem inteligente quando compôs o "Hamlet", se o estontamento do gênio não lhe guiasse a mão ao escrever a história do suntuoso príncipe da Dinamarca, Shakespeare teria parado no meio, reconhecendo a inverossimilhança do tipo, a extravagância das figuras que o cercavam, das atitudes, das cenas, de tudo. E como homem inteligente reduziria Hamlet a uma personagem lógica, plausível e ostentaria coragem mesma. O mundo perderia, assim, a mais absurda e talvez a mais verdadeira das criações que já saíram da humanidade para a arte literária.

Se Cervantes fosse apenas inteligente, não acreditaria em D. Quixote. E era preciso crer um pouco nêle, era imprescindível sentir que ele existia, para criá-lo e fazê-lo viver. Toda a inteligência de Cervantes se tratava na intenção de ironizar a desgraçada aventura e o desastroso herói. Mas, só por essa intenção, só como caricatura do cavaleiro-andante, e D. Quixote seria uma obra secundária. Toda a sua força, toda a sua grandeza, vem do Cervantes que não pôde deixar de crer na imagem inventada pela sua fantasia e a acompanhou, cheio de simpatia calorosa e de espantada ternura, pelas estradas do seu desvario.

Só em casos raríssimos, no exemplo supremo de um Goethe, no episódio singular de um Stendhal, é que se encontra a inteligência pura, consciente de si mesma, sem se iludir com a própria criação, mas lhe dando a vida que quase todos os outros buscam nas horas de inspiração estonteada.

O velho Chesterton foi condenado pela inteligência que o absorveu. Por ele, cultivando-a nos seus jogos surpreendentes, escreveu-se da vida, afastou-se dela. E só ao seu contato, a senti-la tanto como a compreendê-la, é que se pode escrever obras-primas de ficção. Mas é bom que se esclareça também um ponto essencial. Porque a inteligência sozinho não escreve grandes romances, daí não se deve concluir que grandes romances podem ser escritos sem inteligência. E esse aviso nunca foi mais oportuno do que agora.



Ilustração de HUGO

O CRUZEIRO

A cidade morta

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 18)

calçado, e capaz de receber ainda muitos enfermos. Mas a indolência, a indiferença e o desinteresse dos alcantarenes pelas suas próprias necessidades, e um tanto adocem, não compram remédios, vão morrendo sem a menor assistência.

Alcantara é o império do curandeirismo, da feitiçaria, da macumba grossa, dos "despachos" e dos "terecôs" misteriosos, além de superstições mil e outras predições da gente paga. E' a terra onde a gente priva com as velhas macumbas que fumam casaca de madeira de cheiros esqueitos e falam numa linguagem peculiar. A cidade está cheia de mulheres e homens centenários, a velha Plácida, com 111 anos contados e garantidos, falando como se fosse uma lúida jovem de 25; Mãe Calu, com suas histórias sobre os senhores a quem serviu e suas canções sem nexo, consequência duma idade admirável: 117 anos, confirmados pelo Major Brigido de Macedo, da Guarda Nacional, ex-prefeito, ex-vereador, ex-tudo — hoje um simples rico, valioso, extraordinariamente comunicativo e bem humorado. "Não sou palhaço, veja bem" — disse-nos ele quando Medeiros convidou-o a vestir as indumentárias que usou quando oficial da "Ativa" e quando presente a cerimoniais de gala...

A política vitorinista foi bater as portas de Alcantara, e o PST lutou contra uma união do PR com o PSD, obtendo maior número de votos. O candidato do senador Vitorino Freire a prefeitura foi o filho do Major Brigido, Pedro Santana de Macedo, que derrotou o representante da coalizão por uma fulminante maioria: 366 votos contra 62. A posse do prefeito da cidade morta foi festiva e alegre, com uma longa série de discursos, principiada pela sobranceira palavra do Dr. Sebastião Archer, hierarquicamente seguido pelo Sr. Santana de Macedo. Pzarrosamente confessamos que Alcantara será uma cidade-ruína somente de ruínas e se o decreto governamental não for providenciado com brevidade, será melhor não se pensar mais na realização desse sonho maranhense. Ao senador Vitorino Freire, homem de ação e prestígio ligado ao General-Presidente, cabe a responsabilidade de acelerar a concretização da idéia, ou do contrário Alcantara desaparecerá totalmente, coberta pelas matas.

A mulher invade a ciência

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 17)

meios dos 5 anos de estudo, treinando no local, cooperando com as fábricas e indústrias locais.

Quer esteja realizando o delicado serviço de pesquisa de laboratório, quer praticando no real, a mulher tem se mostrado sempre competente e sensata.

Discutindo a nova tendência, o Dr. Cresce diz que "nos Estados Unidos, o caráter da instrução superior para as mulheres está se modificando numa nova oportunidade profissional no campo da indústria ou do comércio.

"As escolas femininas, em sua história comparativamente nova, aceitaram de modo real os precedentes educacionais das escolas masculinas.

"De agora em diante, podemos esperar que tais cursos administrem seus ensinamentos levando em conta os interesses característicos das mulheres.

As alunas e estudantes do sexo feminino necessitam com veemência que não gostam de ser chamadas engenheiras.

Assim, Eleanor Greiner, de 18 anos, estudante de engenharia química diz que "é porque não podemos ser engenheiras? Somos honestas, temos paciência e confiança em nós mesmas. Será preciso mais?

"Com a sua oportunidade, a jovem com estas qualidades pode ser uma ótima engenheira.

Aprofundando-se mais, Alice Schreiber, de 29 anos de idade, também uma estudante de engenharia química, diz que "o instinto de planejamento da mulher e a sua capacidade de falar claro, em termos quantitativos, lhe dão uma grande oportunidade".

Marido inimigo

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 45)

— Ruth, será que enlouqueceu? O rapaz tinha a voz incrédula.

— Que se passa com você? Não pode ignorar que o homem que está aqui fazendo-se passar por Kurt Reuter é Malcolm Graham, um dos mais capazes agentes do Serviço Secreto britânico, temporariamente emprestado ao governo americano. Não dispunhamos de um homem com experiência suficiente para este trabalho e, acredite-me, deve ter sido um trabalho e tanto.

Ruth não ouvira a última frase. Agarrava-se com toda a força ao corrimão da varanda, porque sentia que ia desmaiar. Não podia desmaiar. Sabia que havia algo para ela fazer. Não lhe ocorreu no momento o que era. Só podia pensar no fato de que Kurt era Malcolm Graham, do Serviço Secreto britânico.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



O IMPOSSÍVEL ACONTECE

Patrício de QUEIROZ

APPOINTMENT — Em Bombaim

a polícia conseguiu salvar a força um indú que se atirou ao mar, gritando: "Vou me encontrar com Ghandi!"

"QUE NATURALIDADE!" — Em New York

a Metropolitan Opera Company apresentou ao público uma audição da cantora Jeannine MacDonald, que sofreu uma operação na qual lhe foi inserida uma garganta artificial.

VIVA A AGUA! — Em Macéio

o deputado federal Edison Porto assinou a publicidade da aguardente "Pau Canta" nos termos: "Atesto que o consumo da aguardente PAU CANTA é necessário à manutenção da ordem."

ORFAO — Em Cincinnati, U. S. A.

um bebê foi retirado do ventre da Sra. John Busch 7 horas depois dela ter morrido.

EDEN — Em Temple, Texas

Frank Fiska ia atravessar a rua, quando um carro lhe arrancou as calças, deixando-o sem um arranhão.

OUVIDO — Em Springfield, U. S. A.

o "sheriffe" Walter Hagler mandou que quatro prisioneiros parassem a cantoria que faziam e tirou de um deles a lima dissonante com que serrava as grades.

PASTELAO — Na cidade do México

os empregados dos cinemas, em protesto contra a situação financeira em que se encontravam, enroscaram as platéias exibindo filmes sem som, sons sem filme.